

O processo criativo do objeto-livro-poético *Poor Fish Memories***The creative process of object-book-poetic *Poor Fish Memories***

DOI:10.34117/bjdv5n6-217

Recebimento dos originais: 17/04/2019

Aceitação para publicação: 31/05/2019

Irene de Mendonça PeixotoProfessora doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais –
EBA/UFRJ

Instituição: Escola de Belas Artes/UFRJ.

Av. Horácio de Macedo 2151 – Espaço EBA -Ilha do Fundão – Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: peixotoirene@gmail.com

RESUMO

O trabalho *PoorFish Memories* (2016) é um aglomerado poético de memórias, sonhos e invenções que nunca se imaginariam amalgamados na mesma fantasia. A análise de seu processo criativo revela a dinâmica poética do “discurso das conjunções”, capaz de revelar um mundo pleno de sintonias secretas, onde as coisas poderiam aliar-se da maneira mais contraditória e evidenciar afinidades indefinidas.

Esse dom de produzir e perceber semelhanças nos conduz ao desafio de atravessar o mundo sob a perspectiva do “e”, acolhendo paradoxos, convivendo com ambivalências, afinidades e aversões. A alternativa entre uma-coisa-ou-outra não é necessária na imaginativa criadora. Ambas as alternativas são inseridas no contexto fabular como igualmente possíveis. Desse modo as conjunções da arte confrontam e expressam o infinito.

Palavras-chaves: fabulação, memória, arte contemporânea**ABSTRACT**

The work *PoorFish Memories* (2016) is a poetic cluster of memories, dreams and inventions that would never imagine amalgamated in the same fantasy. The analysis of his creative process reveals the poetic dynamics of the "discourse of conjunctions", capable of revealing a world full of secret syntopies, where things could combine in the most contradictory way and evidence indefinite affinities.

This gift of producing and perceiving similarities leads us to the challenge of crossing the world from the perspective of the "e", welcoming paradoxes, living with ambivalences, affinities and aversions. The alternative between one-thing-or-other is not necessary in the creative imaginative. Both alternatives are inserted in the fabular context as equally possible. In this way the conjunctions of art confront and express the infinite.

Keywords: fable, memory, contemporary art

O projeto *PoorFish Memories* nasce do impulso de conjugar memórias, sonhos e invenções decorrentes de tempos distintos em uma mesma fantasia. Estou me

referindo à estratégia criadora e fabular de conjugar heterogêneos para produzir trabalhos que se desdobram em função das conexões que estabelecem. Por isso, lembro do “discurso das conjunções” proposto pelo artista Tunga, quando pergunta: qual a “única disciplina no mundo que permite incluir toda e qualquer coisa no seu discurso?”¹ Ele responde que é a arte porque ela procura, nas narrativas do mundo, diferentes possibilidades de conectar sentidos para compreender o que nos rodeia.

Esta dimensão metafísica dos processos criativos no conduz ao desafio de atravessar o mundo sob a perspectiva do “e”, que implica em acolher os paradoxos, conviver com afinidades e aversões. A alternativa entre uma-coisa-ou-outra não é necessária na imaginativa criadora, ambas se inserem no contexto fabular como igualmente possíveis.

A lógica imaginal, que prioriza a conjunção “e” ao invés de “um ou outro”, é tolerante, permitindo que os opostos coexistam irreconciliáveis, recusando a reivindicação de um em detrimento do seu contrário.

Portanto, criar sob a perspectiva do “e” seria provocar essas conjunções abertas aos desvios e acasos, desconhecer seus horizontes para promover a expansão dos campos de ação criativa. A imaginação poética está preparada para explorar diferentes e simultâneas possibilidades de existência, a imaginar que o mundo, tal como ele é, também poderia ser de outra forma.

Considerem o composto criador *PoorFish Memories* um experimento poético dos conceitos aqui abordados. Ele nasce das lembranças vagas de um pequeno brinquedo de infância que não sei se existiu de fato ou se guardo apenas um relato que me impressionou. Uma invenção-memória que se torna um disparador poético, onde narrativas passadas e futuras vão se entrecruzar na (re)criação desse brinquedo no tempo presente.

A plataforma artística inicial é uma fábula que revela em detalhes o esforço de lembrar toda composição do brinquedo: do material do qual é feito às sensações que desperta: a lata redonda, os minúsculos papéis recortados, o finíssimo acetato que produzia a eletrostática tão necessária para o saltitar dos papéis dentro da lata.

Em seguida, trato de materializar esse objeto tornado poético, dar forma à longínqua lembrança. Rememorar sensações.

Surge o desejo de alongar a dança saltitante dos pequenos papéis, agora transformados em bailarinos. Assim faço um vídeo. Nessa segunda plataforma, os bailarinos se tornam pequenos personagens interagindo entre si, criando breves coreografias. Alguns dançam

melhor que os outros, parecendo escolher seus pares. E se entre eles nascesse um romance? Um casal de apaixonados!

Nesse ponto surge uma conjunção com outras sensações-lembranças que bifurcam a narrativa, mas o desejo é se dividir nem escolher uma sensação em detrimento de outra. Por isso aceito a coexistência delas e imagino que o casal de apaixonados são os pequenos papéis recortados de outros desenhos vindos de outras sensações... Lembranças amorosas.

A terceira plataforma são os desenhos curiosos das figuras-peixes que percorrem o trabalho. Elas nascem da expressão inglesa *poorfish* que dá nome ao projeto e é o que se diz de alguém bobo e tonto, como um peixe que se deixa enganar por um anzol ou de um poeta por sua amada.

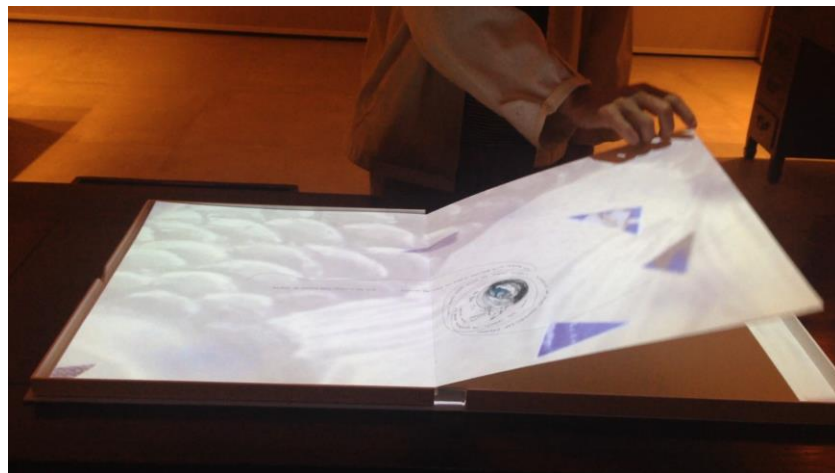
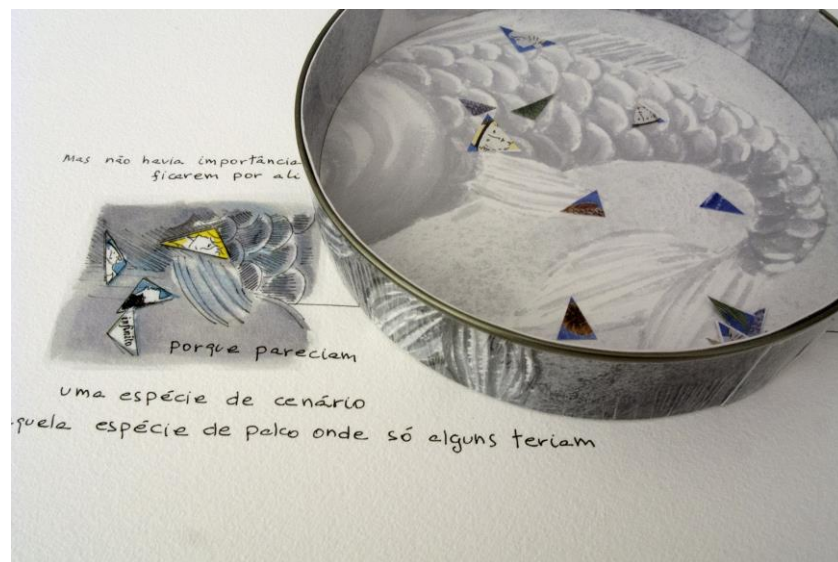
As figuras-peixes se tornam as contadoras dessa estória, narrando em detalhes algo que talvez nunca tenha acontecido.

E qual forma poética poderia suportar todas essas sensações-narrativas, juntas, reverberando? Imagino um livro, um fôlio polissensorial capaz de abraçar essa estória em seus diversos aspectos. Nas suas páginas, a matéria do papel deixa de ser apenas suporte para se tornar elemento participativo do trabalho. A aparência silenciosa da folha em branco amplia a importância do vazio, valorizando a des-composição dos desenhos concentrados em áreas desordenadas da página. A brancura se estende, se torna uma tela para receber a projeção em vídeo dos bailarinos de papel. Imagem mental, imagem memoriosa da ação do brinquedo, projetada de modo a interferir na narrativa de sua própria gênese.

A dinâmica do livro não é comprimir as histórias em uma só, reduzindo o heterogêneo à simplicidade do discurso único. Ao contrário, o importante é adensar a estranheza que aflora na visibilidade do incomum. Essa é a estratégia do trabalho: criar relatos sobre memórias-sonhos que aconteceram em tempos distintos e fazê-los reverberar na unidade substantiva e fragmentada do livro de artista. O trabalho realizado não tem mais relação direta com o meu vivido, com o meu imaginário particular. Esse livro-objeto-instalação se refere às sensações extemporâneas, suas grandezas e dimensões se expandem e derivam. Por isso mudam de estatuto e natureza. “Não sou mais EU que falo até chegar ao ponto em que não há qualquer importância dizer ou não dizer EU”ⁱⁱ.

ⁱTunga in Cadernos EAV 2009 org: Joanna Fatorelli e Tania Queiroz. RJ: EAV, 2012, p.164.

ⁱⁱDELEUZE, G.; Guattari, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. SP: Ed. 34, 1992, p.11.



REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. SP: Ed. 34, 1992

Tunga in Cadernos EAV 2009 org: Joanna Fatorelli e Tania Queiroz. RJ: EAV, 2012